



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS DE ERECHIM  
INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CIÊNCIAS DA NATUREZA**

**JULIANA LOUREIRO DE MELLO**

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO JOVEM INDÍGENA A PARTIR DA  
PROPOSTA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**ERECHIM**

**2019**

**JULIANA LOUREIRO DE MELLO**

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO JOVEM INDÍGENA A PARTIR  
DA PROPOSTA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza-da Universidade Federal da Fronteira Sul –como requisito para obtenção do título Licenciada em Interdisciplinar em Educação do Campo- Ciências da Natureza.

Orientador: Leandro Carlos Ody

**ERECHIM**

**2019**

### **Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Mello, Juliana Loureiro de

A construção da identidade do jovem indígena a partir da proposta da educação do campo / Juliana Loureiro de Mello. -- 2019.

26 f.

Orientador: Dr Leandro Carlos Ody.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza•Licenciatura, Erechim, RS, 2019.

1. Educação do Campo. 2. Identidade Cultural. 3. Educação Indígena. I. Ody, Leandro Carlos, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

**JULIANA LOUREIRO DE MELLO**

**A Construção da Identidade do Jovem Indígena a partir da  
Proposta da Educação do Campo**

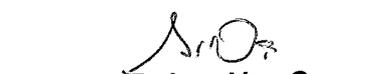
Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de licenciado no Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca no dia 24 de julho de 2019.

**Banca examinadora:**

  
**Leandro Carlos Ody**

  
**Cherlei Marcia Coan**

  
**Solange Todero Von Onçay**

## RESUMO

O presente trabalho refere-se a questão da construção da identidade do jovem indígena a partir da proposta da educação do campo. Buscou-se entender os motivos que contribuíram para que a identidade do jovem indígena esteja se perdendo e como a proposta da educação do campo pode contribuir para a construção dessa identidade. A metodologia foi qualitativa de natureza exploratória. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário com seis questões. As respostas foram analisadas de forma descritiva, buscando semelhanças e divergências na visão de dois professores indígenas e dois estudantes de ensino superior a respeito da identidade do jovem indígena, dialogando os resultados com as pesquisas dos autores utilizados no referencial teórico. Os resultados apontam que o jovem indígena está perdendo sua identidade cultural devido a chegada das escolas na comunidade indígena, que antigamente o conhecimento era passado dos mais velhos para os mais novos. Com a implantação da escola nas aldeias a tarefa de ensinar sai das mãos dos mais velhos e passa para a escola. Outro fator que influenciou na perda da identidade é a modernidade e o uso de tecnologias, causando-lhes maior interesse. Os professores tentam trabalhar em cima do fortalecimento da identidade nas escolas, mas encontram muitos desafios. A educação do campo vem com uma proposta de que a educação seja construída pelo povo indígena, na comunidade indígena, com uma educação voltada para a realidade, que atenda as necessidades deste povo. Após o estudo a conclusão chegada foi que a proposta da educação do campo pode contribuir em vários aspectos para a revitalização da identidade cultural do jovem indígena.

Palavras-chave: Educação do campo, identidade cultural, educação indígena.

## **ABSTRACT**

The present work refers to the question of the construction of the identity of the indigenous youth from the proposal of the education of the field. It was sought to understand the reasons that contributed to the identity of the young indigenous being lost and how the proposal of rural education can contribute to the construction of identity. The methodology was qualitative of exploratory nature. The data collection was performed through a questionnaire with six questions. The answers were analyzed in a descriptive way, seeking similarities and divergences in the views of two indigenous teachers and two students of higher education regarding the identity of the indigenous youth, dialoguing the results with the authors' researches used in the theoretical reference. The results indicate that the young indigenous people are losing their cultural identity due to the arrival of the schools in the indigenous community, that formerly the knowledge was passed from the oldest to the youngest. With the implantation of the school in the villages the task of teaching leaves the hands of the elders and passes to the school. Another factor that influenced the loss of identity is the modernity and the use of technologies, causing them greater interest. Teachers try to work on strengthening the identity in schools but encounter many challenges. The education of the countryside comes with a proposal that education be built by the indigenous people in the indigenous community, with an education focused on reality that meets the needs of this people. After the study the conclusion reached was that the proposal of the education of the field can contribute in several aspects to the revitalization of the cultural identity of the indigenous youth.

Keywords: Field education, cultural identity, indigenous education.

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2.REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>12</b>
2.1.1 FORMAÇÃO DE EDUCADORES DO CAMPO.....	12
2.1.2 A IDENTIDADE CULTURAL INDÍGENA NA ATUALIDADE.....	13
2.1.3 LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO-CIÊNCIAS DA NATUREZA E A RELAÇÃO COM A COMUNIDADE.....	14
2.1.4 A EDUCAÇÃO INDÍGENA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	15
<b>3.METODOLOGIA .....</b>	<b>18</b>
<b>4.RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>20</b>
<b>5.CONCLUSÃO.....</b>	<b>223</b>
<b>6.REFERÊNCIAS.....</b>	<b>24</b>

## 1- INTRODUÇÃO

Nos dias atuais há muitos sujeitos oriundos do campo em busca do ensino superior, estes objetivam profissionalizar-se para melhorar a realidade de suas comunidades, por meio do processo de ensino aprendizagem. Neste percurso há muitas dificuldades, também há o desafio de preservar a cultura ao mesmo tempo que se deve acompanhar as inovações atuais, como é o caso dos professores atuantes das escolas indígenas, sendo eles indígenas e não indígenas. Em sua maioria, esses professores não apresentam nível superior ou uma formação adequada para atuar na escola do campo.

Acreditava-se que o povo do campo não precisa de alfabetização, que técnicas de cultivo não exigiam dos trabalhadores rurais nenhuma preparação. Um dos motivos pelos quais muitas pessoas que viviam no campo migravam para os centros urbanos era para estudar e trabalhar, visando obter condições de vida melhor, mas por não possuírem um alto grau de escolaridade, ficam desempregadas ou conseguem empregos com salários baixos, dessa forma migrando para as periferias das cidades.

A Educação do Campo é de suma importância, pois traz um olhar diferente com outra visão, deixando de ser aquela existente na sociedade em que considerava o campo como um lugar inferior, trazendo uma nova concepção do campo como um lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar e estudar com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo tem diferentes sujeitos, os pequenos agricultores, povos indígenas, quilombolas, assentados, ribeirinhos entre outros. Cada um desses tem seu próprio jeito de produzir e de viver, diferentes visões sobre o mundo, diferentes jeitos de fazer a própria resistência no campo, diferentes lutas. Porém essas diferenças são o que formam as especificidades em comum, como a própria identidade de povo que vive no campo e que historicamente tem sido vítima da opressão e da discriminação econômica, política, cultural.

Para que os jovens do campo resgatem sua identidade serão necessárias ações em diferentes áreas como: educação, trabalho, saúde, cultura, lazer, esporte etc. Deve haver iniciativas que valorizem as realidades vividas nas comunidades. Concordando com Costa e Cabral (2016) que é preciso considerar os espaços do campo como meio de criação, de possibilidades de crescimento e de desenvolvimento em todas as áreas, considerando os habitantes que ali residem, pois são portadores e construtores de cultura, de conhecimentos, com identidade própria, com valores e princípios que os identificam em suas singularidades nessa diversidade.

O presente trabalho teve como objetivo geral investigar e mostrar como a proposta da educação do campo pode colaborar na construção da identidade do jovem indígena. A partir do objetivo geral surgiram os objetivos específicos de investigar a autoafirmação da identidade do jovem indígena e seus impasses e mostrar a importância da cultura e a colaboração da educação do campo no processo de construção da identidade do jovem indígena.

O interesse pelo tema escolhido surgiu ao perceber que nos dias atuais o jovem indígena está deixando de lado sua cultura, os costumes, a língua materna, e esse desinteresse está afetando sua identidade, que futuramente pode estar ameaçada. É importante conhecer quem você é, conhecer suas raízes para entender as mudanças culturais que ocorrem no presente e que ocorrerão no futuro. É preciso ter a identidade formada para poder acompanhar a inovação do mundo sem perder a cultura. O jovem indígena tendo a identidade formada poderá levar o conhecimento da comunidade para a universidade e trazer o conhecimento da universidade para a comunidade, podendo sair da aldeia, adquirir o conhecimento que vem de fora e voltar para o seu povo, sem perder sua identidade. A partir desta questão surgiu o questionamento: como a proposta da educação do campo pode contribuir na construção da identidade do jovem indígena?

O presente trabalho traz no referencial teórico discussão com autores que falam sobre questões relativas ao tema, destacando a formação de educadores do campo, educação rural e educação do campo, educação indígena e a identidade cultural indígena na atualidade. A pesquisa foi de característica metodológica qualitativa de natureza exploratória. Foram entrevistados dois professores indígenas de uma escola na Terra Indígena Nonoai e dois estudantes do ensino superior, a entrevista partiu de um questionário com seis perguntas, analisando de forma descritiva as respostas da entrevista dos dois professores e dos dois estudantes, relacionando os resultados com a leitura das obras e artigos, organizando as falas em forma de texto conforme as concordâncias e discordâncias dos participantes.

## **2- REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1.1 FORMAÇÃO DE EDUCADORES DO CAMPO**

Antigamente não havia preocupação por parte do estado em escolarizar os povos do campo, com a justificativa de que os sujeitos do campo não precisavam de escolarização para realizar seu trabalho. A educação ofertada aos camponeses no decorrer da história era uma extensão de educação urbana, uma educação que não considerava sua cultura, seus valores, sua realidade, com a intenção de escolarizá-los para o mundo do trabalho urbano, provocando a saída dos sujeitos do campo para se tornarem operários na cidade.

Durante séculos na educação indígena tentou-se uniformizar a educação, a partir de um currículo imposto, na tentativa de que o índio deixasse de lado suas crenças, sua língua, sua cultura. Costa e Cabral (2016) ressaltam que a Educação Rural pensa o campo como um espaço de produção, baseada no pensamento latifundiário do controle político sobre a terra e as pessoas, a educação é pensada para atender as demandas do capitalismo, do mercado de produção. Seus saberes e conhecimentos são descartados e desvalorizados no âmbito social, cultural, histórico e econômico, invalidando, ocultando os conhecimentos construídos pelo povo que vive no campo e impondo um conhecimento universal, uma extensão da educação urbana, com um currículo desarticulado com a cultura, os valores, os princípios do povo do campo, assim ferindo o direito do respeito à diversidade e da formação de identidades. Na Educação Rural os camponeses não são protagonistas e o único objetivo é a formação do capital humano, a educação que postula o campo apenas como espaço de produção e seus sujeitos somente como produtores, uma educação que visa apenas a preparação para mão de obra. O valor do ser humano precisa estar na vida e não no dinheiro.

A educação do campo vem com uma proposta de pedagogia diferenciada, onde o currículo é construído pelos povos do campo, onde o conhecimento científico dialoga com o conhecimento popular, com os modos de produção de existência dos camponeses, tendo-os como protagonistas. Uma educação como formação humana nos aspectos culturais, sociais, econômicos, políticos e históricos, na formação do ser humano como um todo. Na Educação do Campo, o campo torna-se um espaço de vida, de possibilidades, de experiências diversas, de resistência dos camponeses que lutam para permanecer na terra, uma educação que possa ser construída pelos e com os sujeitos do campo. A Educação do Campo precisa ser uma educação específica e diferenciada, adaptar os conteúdos, os calendários, e o material didático às condições de vida do meio rural, visando a construção de educação própria, com referenciais teóricos e metodológicos articulados aos saberes, modo de vida, cultura, identidade dos povos

do campo, que respeitem a diversidade, uma escola que seja do campo, no campo e para o campo.

Caldart (2012) destaca que Educação do Campo combina luta pela educação com luta pela terra, pela Reforma Agrária, pelo direito ao trabalho, à cultura, à soberania alimentar, ao território. Na lógica de seus sujeitos e suas relações, uma política de Educação do Campo nunca será somente de educação em si mesma e nem de educação escolar, embora se organize em torno dela.

A formação do professor pode ser o caminho para que se materialize a Educação do Campo como uma educação diferenciada, onde se tenha o vínculo entre ensino e trabalho, reconhecendo os saberes já produzidos na comunidade rural, procurando integrar os conhecimentos científicos ao conhecimento da realidade do aluno e formando a identidade da população do campo como sujeitos.

Concordando com Costa e Cabral (2016) a Educação do Campo visa a construção de educação própria, valorizando os saberes dos povos do campo, seus modos de vida, sua cultura, sua identidade, respeitando a diversidade, onde se tenha direito a educação *do e no* campo. Arroyo (2012) destaca que a escola do campo deve ser espaço em que sejam incorporados os saberes da terra, do trabalho e da agricultura camponesa; em que as especificidades de ser-viver a infância-adolescência, a juventude e a vida adulta no campo sejam incorporadas nos currículos e propostas educativas; que a escola deve trabalhar em cima da realidade do aluno em que os saberes, concepções de história, de sociedade, de libertação aprendidos nos movimentos sociais façam parte do conhecimento escolar.

### 2.1.2 A IDENTIDADE CULTURAL INDÍGENA NA ATUALIDADE

Nos dias atuais a identidade do jovem indígena vem se perdendo, este processo está acontecendo devido a modernidade, a tecnologia e a convivência com a realidade não indígena, gerando o desinteresse de aprender os costumes com os mais velhos. Concordando com Silva e Piovezana (2013), cada povo tem seu modo de viver, de se organizar, tem seus costumes, valores, sua cultura. Essa cultura se manifesta nas tradições, mitos, na arte, na economia, na história, na língua.

Os mais velhos possuem muitos conhecimentos imprescindíveis para a revitalização de alguns saberes tradicionais, que são passados para os mais novos, essa transmissão de conhecimento é essencial para manter a identidade de um povo, porém nos dias atuais os jovens vem perdendo sua identidade, se sentem perdidos devido a modernidade resultando no

distanciamento com os mais velhos da comunidade, este conhecimento que foi passado de geração em geração está se perdendo e isso resulta na perda da identidade cultural.

É preciso reconstruir essa identidade do jovem indígena, pois a imagem do índio é de um ser que vive nu na mata, sem acesso a nenhuma tecnologia, que mora em ocas. No entanto o índio pode viver como qualquer integrante da sociedade, tendo acesso a tecnologia, a novos conhecimentos, sem deixar de lado sua cultura, seu modo de viver, de se organizar na comunidade indígena, sem deixar de ser índio, e a escola juntamente com a comunidade passa a ser o caminho para que o índio aprenda a construir sua identidade.

### 2.1.3 LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO-CIÊNCIAS DA NATUREZA E A RELAÇÃO COM A COMUNIDADE

O curso Interdisciplinar em Educação do campo-Ciências da Natureza tem como objetivo formar licenciados em Educação do Campo para lecionar na área de Ciências da Natureza, nos anos finais do Ensino Fundamental, e nas disciplinas de Química, Física e Biologia no Ensino Médio, contribuindo para a gestão de processos educativos e estratégias pedagógicas voltadas para a qualidade de vida no campo. O curso apresenta um regime diferenciado por alternância, com períodos de aulas presenciais na universidade, chamado de Tempo Universidade, que se alternam com períodos de formação junto às comunidades locais, conhecido como Tempo Comunidade. Facilitando assim a permanência no curso dos professores em exercício.

Ao organizar metodologicamente o currículo por alternância entre tempo escola e tempo comunidade, a proposta curricular do curso objetiva integrar a atuação dos sujeitos educandos na construção do conhecimento necessário à sua formação de educadores, não apenas nos espaços formativos escolares, mas também nos tempos de produção da vida nas comunidades onde se encontram as Escolas do Campo. (MOLINA; SÁ, 2012 p. 470)

O curso Licenciatura em Educação do Campo-Ciências da Natureza oferece um ensino superior em conjunto com a comunidade, os alunos estão no processo de formação, sem deixar a comunidade, trazendo questões da cultura para a universidade, relacionando as Ciências da Natureza com a realidade do contexto dos alunos. Esta relação tempo universidade e tempo comunidade faz com que o aluno pesquise sobre sua cultura, sua comunidade.

Concordando com Molina e Sá (2012) o curso Licenciatura em Educação do Campo prepara para a habilitação da docência por área de conhecimento, ampliando as possibilidades de oferta da educação básica no campo. As disciplinas não são o objetivo central do trabalho

pedagógico com o conhecimento, no caso da proposta de formação por áreas, este trabalho é dirigido às questões da realidade tendo como base a apropriação do conhecimento científico já acumulado.

As áreas podem ser pensadas como forma de organização curricular e como método de trabalho pedagógico. Organizar o currículo por áreas (em vez de por disciplinas) não implica necessariamente negar o trabalho pedagógico disciplinar. Por outra parte, podemos ter um currículo organizado por meio de disciplinas e realizar um trabalho pedagógico desde as áreas do conhecimento e a partir de práticas interdisciplinares. (MOLINA; SÁ, 2012, p. 472)

À medida em que se avance a formação de educadores em Licenciatura em Educação do Campo, será possível superar a necessidade de ter na escola um docente para cada disciplina.

#### 2.1.4 A EDUCAÇÃO INDÍGENA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Nos dias atuais há muitos indígenas em busca do ensino superior, com o objetivo de se profissionalizar e retornar para a terra indígena com o conhecimento de fora, defendendo assim os interesses do seu povo e proporcionando melhorias para comunidade, porém há uma preocupação com a evasão dos estudantes no ensino superior devido às especificidades culturais e linguísticas e muitas vezes a instituição não está preparada para lidar com esta questão.

Até os anos de 1970 não haviam escolas na maior parte das comunidades indígenas. A escola foi uma imposição nas aldeias, antes disso predominava a educação familiar tradicional, onde os conhecimentos eram passados dos mais velhos para os mais jovens, que ensinavam valores como respeitar e cuidar da natureza, ensinavam sobre as ervas medicinais, a importância de usar essas ervas para ajudar o próximo sem pensar no capitalismo, a importância de viver em grupo, de pensar no bem estar da comunidade, e não no individualismo, ensinavam a importância de manter a cultura, do respeito pelo outro, de dividir o alimento, de um cuidar do outro. Além disso era ensinado a língua materna, o preparo dos alimentos típicos, a confecção de artesanatos, os cantos, a dança.

As primeiras escolas indígenas foram consideradas colonizadoras, onde era usada somente a língua português e eram protagonizadas por professores não indígenas, que nada sabiam da língua, cultura, costumes dos indígenas. Com o tempo foram preparados os primeiros educadores indígenas que atuavam junto com os professores não indígenas, porém esses indígenas não tinham formação adequada, vindo a se qualificar tempos depois.

A escola não é vista como o único local de aprendizagem pelos indígenas mas em todo e qualquer lugar. Aprende-se com os mais velhos, com os cantos, com as danças, com o grafismo, com as plantas, com os artesãos, com a merendeira, com os animais. Todo espaço pode ser um espaço de aprendizagem, todos têm algo a ensinar e todos sempre têm algo para aprender.

Há limitações na atuação dos professores indígenas, como a falta de materiais didáticos, as falhas em suas formações, preparo pedagógico inadequado e até mesmo a falta de experiência com a docência. É necessário que se tenha professores indígenas formados para ajudar a construir uma educação escolar específica e diferenciada, valorizando e respeitando a sua cultura e seus conhecimentos, partindo do conhecimento local para o geral. A educação escolar indígena avançou nas últimas décadas. Durante séculos, tentou-se uniformizar a educação a partir de um currículo imposto, que visava tirar o índio da condição de índio, fazendo-o deixar de lado sua língua, crenças e padrões culturais.

A Constituição Brasileira de 1988 garante às comunidades indígenas a prática de uma educação escolar diferenciada, específica e bilíngue, mas a concretização dessa prática passa pelo querer-fazer da escola, dos professores, da comunidade e das lideranças, por isso a importância de se ter educadores preparados e qualificados assim mobilizando a comunidade para lutar por uma escola com um currículo diferenciado, que seja constituída por professores capacitados e habilitados; que tenham voz e autonomia para decidir seu calendário escolar, assim como para se permitir o acesso aos saberes universais, revitalizando e fortificando a cultura do povo indígena, mostrando que é possível sair, estudar e voltar, mantendo sua verdadeira identidade.

Para se ter uma educação diferenciada é preciso que essa educação seja para o povo indígena, feita pelo povo indígena e na aldeia indígena. Para se ter uma educação diferenciada de fato a educação tradicional indígena e a escola precisam se encontrar. Com o surgimento da escola nas aldeias, o aprendizado sai das mãos dos mais velhos, onde se passava o conhecimento dos mais velhos para os mais novos, passando a aprender a cultura do povo branco, resultando na perda da identidade de muitos jovens indígenas.

A maioria dos jovens indígenas estão tendo vergonha de falar a língua materna, de praticar suas danças, seus cantos, já não querem mais comer as comidas típicas. Preferem falar o português, dançar como o povo branco dança, cantar as músicas que encontram na internet, nas redes sociais, na televisão, comer alimentos industrializados.

A escola juntamente com a comunidade deve educar o jovem indígena a preservar a cultura, sem deixar de acompanhar a evolução do mundo e as tecnologias nos contextos atuais,

o jovem indígena não precisa ficar parado no tempo, de tanga, cocar e pintado o tempo todo para não perder sua identidade, ele pode incorporar os hábitos, tecnologia do povo branco, porém é preciso saber usar esse meio para se comunicar melhor, para mostrar ao mundo sua cultura, seus costumes, sua dança, para buscar conhecimento em prol de sua comunidade, é preciso saber usar essa tecnologia, sem deixar de lado seu modo de vida, suas raízes, sua cultura. É importante encontrar um equilíbrio entre a necessidade de preservar a própria cultura e a de se adaptar às mudanças no mundo.

A base educacional precisa vir do universo indígena, não basta os professores indígenas serem formados em universidades sem serem formados pela comunidade, sem aprender a fortalecer os sentimentos de solidariedade, de trabalhar em grupo, pensando pelo grupo, tendo conexão com a natureza, tendo cuidado com o outro e com todos os seres, sabendo respeitar os nossos velhos e os conhecimentos que trazem, saber respeitar as crenças, os valores, os costumes. O conhecimento adquirido na universidade precisa vir para somar aos conhecimentos que os mais velhos passaram, retornando a aldeia como conhecedor da cultura não indígena e indígena, trazendo o que interessa para seu povo.

### 3. METODOLOGIA

Na metodologia, retrata-se a dinâmica usada no desenvolvimento da presente pesquisa.

#### 3.1-CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA:

A abordagem da presente pesquisa é de característica metodológica qualitativa de natureza exploratória, participaram do questionário dois professores de uma escola indígena e dois estudantes de ensino superior.

#### 3.2-COLETA DE DADOS:

Os dados foram coletados por meio de um questionário com dois professores indígenas que atuam em escolas indígenas, e com dois estudantes de ensino superior. O professor um trabalha na escola à 11 anos nas disciplinas de Literatura e Língua Kaingang, e atualmente está cursando matemática no ensino superior. O professor 2 trabalha na escola à 8 anos, já ministrou as aulas de ciências e alfabetização, atualmente trabalha na coordenação pedagógica da escola, tendo como formação o magistério. Os alunos um e dois estão cursando Licenciatura em Educação do Campo-Ciências da Natureza.

A parte bibliográfica caracteriza-se por leituras de obras e artigos que abordam o assunto relativo à construção da identidade do jovem indígena a partir da proposta da educação do campo, onde trouxeram uma variedade de dados, como a diferença entre educação rural e educação do campo, o que é uma educação *do* e *no* campo, aspectos da educação indígena nos dias atuais, a falta de professores habilitados a trabalharem em uma escola indígena, a relação entre a educação e a construção da identidade do jovem indígena.

#### 3.3-DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA:

O desenvolvimento do presente trabalho dividiu-se em três etapas. Na primeira etapa foram selecionados matérias como livros, artigos para leitura e compreensão do tema.

Na segunda etapa ocorreram a aplicação do questionário com professores indígenas e com estudantes de ensino superior. O objetivo a ser alcançado nesta entrevista elaborada com 6 perguntas foi de investigar e mostrar como a proposta da Educação do Campo colabora na construção da identidade do jovem indígena, averiguando a autoafirmação na identidade do

jovem indígena e seus impasses, mostrando a importância da cultura e a colaboração da educação do campo no processo de construção da identidade.

Na terceira etapa foram analisadas de forma descritiva as respostas do questionário dos dois professores e dos dois estudantes, relacionando os resultados com a leitura das obras e artigos, organizando as falas em forma de texto conforme as concordâncias e discordâncias dos entrevistados.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

1) *Para você o que é ser indígena?* Nesta questão os dois professores e os dois alunos entrevistados responderam que ser indígena é preservar a cultura, manter as tradições, os costumes, preservar a natureza, ter orgulho da sua identidade e principalmente preservar a língua materna. MARTINS (2013) ressalta que nos rituais, no canto, na dança, nas narrativas, que se fortalece o laço de pertencimento ao grupo e a construção da identidade do indivíduo. Que a língua é um importante traço de identidade.

SILVA e PIOVEZANA (2013) mencionam que a cultura de um povo é toda sua história e vivência. A cultura indígena, as músicas, as histórias, o gosto pela tradição faz ter orgulho de ser índio. Na cultura indígena os mais novos aprendem os cantos, as danças, os costumes, com os mais velhos. Essa transmissão de conhecimentos é fundamental para a sobrevivência do grupo, para que sua identidade cultural seja mantida.

2) *Como você acha que está a identidade do jovem indígena nos dias atuais? E futuramente como estará? Por quê?* Os dois professores e os dois alunos responderam que sim, que a identidade do jovem indígena está ameaçada. O professor 1 respondeu que a identidade está ameaçada devido a tecnologia, a modernidade, o jovem indígena está se interessando mais em aprender a usar a tecnologia em vez de praticar a cultura. O professor 2 respondeu que apesar do indígena ter os direitos garantidos na constituição, tais direitos estão sendo violados pelos governantes e isso também afeta a identidade do jovem indígena.

COSTA e CABRAL (2016) ressaltam que quando o direito desses cidadãos são negados, fere as proposições legais da garantia do direito a educação para todos, ferindo o direito do respeito a diversidade e da afirmação das identidades.

O aluno 1 respondeu que a identidade está ameaçada devido a atual conjuntura política que vem acabando com a organização social dos povos originários, e também que o jovem indígena vem deixando de lado os costumes dos seus antepassados. O aluno 2 respondeu que o jovem indígena só quer falar o português e está deixando de lado a língua materna, consequentemente resultando na perda da identidade.

3) *Nos dias atuais, qual a importância em se ter a identidade formada?* O professor 1 respondeu que é importante ter a identidade formada para poder manter sua cultura e costumes.

O professor 2 falou que que é importante para poder debater os direitos que estão garantidos na constituição e para ajudar sua própria comunidade, contribuindo na formação dos jovens indígenas. Os alunos 1 e 2 responderam que é importante para poder se defender e garantir seus direitos. SILVA e PIOVEZANA (2013) comentam que a partir da tomada de consciência da possibilidade de construir uma identidade comum, os indígenas kaingang tem se organizado e atuado de forma ativa no cenário social, lutando por direitos e igualdade.

4) *A partir do momento em que o jovem indígena tem contato com a modernidade, a tecnologia, e quando sai para os centros urbanos em busca de uma formação, ele perde a autoafirmação de sua identidade? Por quê?* Os professores 1 e 2 discordaram nesta questão. O professor 1 citou que o jovem indígena em alguns casos perde sim a autoafirmação de sua identidade, que buscam uma formação para a vida profissional e esquecem sua origem e seu povo.

O professor 2 diz que não, que o jovem indígena não tem interesse próprio, que ele pensa no coletivo, que sempre vai pensar na sua comunidade. E que a cor da pele e a língua materna sempre vai identifica-lo como indígena. MEDEIROS e ROSA (2013) falam que um indígena pode até querer deixar de ser índio, mas a língua, a pele, o cabelo, vai informar a sua identidade.

Os alunos 1 e 2 concordam que o jovem indígena não perde a autoafirmação de sua identidade, que quando ele sai para os centros urbanos em busca de uma formação ele só tende a adquirir mais conhecimento e aprender com a tecnologia. RIBEIRO e BALLIVIAN (2013) falam que neste processo os indígenas são os elos entre a história, seu povo e a sociedade envolvente, pois são capacitados com o conhecimento de fora, mas mantem o domínio dos valores culturais do seu povo.

5) *Você acha que a educação indígena está trabalhando em cima da questão da identidade do jovem indígena?* O professor 1 diz que sim, que a escola está trabalhando em cima desta questão, mas que encontra muitos desafios. O professor 2 fala que a escola não está trabalhando em cima desta questão, pois não são somente professores indígenas que trabalham na escola, e isso dificulta trabalhar a realidade dos jovens indígenas, enquanto o professor indígena quer trabalhar de acordo com a realidade o professor não indígena quer trazer o conhecimento da cidade. LUCHETTA e PIOVEZANA (2013) enfatizam que as práticas da sociedade não indígena, distancia a concretização de uma educação específica e diferenciada para os indígenas.

COSTA e CABRAL (2016) mencionam que a educação proposta aos sujeitos do campo se constitui em uma forma de exclusão, impondo saberes que não se relacionam com a cultura, tal educação é apenas uma extensão da educação proposta à população urbana.

Os alunos 1 e 2 concordam que a escola sempre busca revitalizar a identidade cultural.

6) *De que forma a escola deve trabalhar para ajudar na construção da identidade do jovem indígena?* Os professores 1 e 2, assim como os alunos 1 e 2 concordam que a escola deve trabalhar com a participação da comunidade em geral, partindo de uma educação diferenciada, voltada para a realidade dos povos indígenas. Trabalhando com projetos que auxiliem no desenvolvimento da nova geração, unindo o conhecimento dos anciões com o conhecimento que a escola traz, trabalhando com a tecnologia sem deixar de lado o saber dos nossos antepassados.

COSTA e CABRAL (2016) mencionam que a educação do campo visa a construção de uma educação própria, com formação humana em todos os aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos e históricos. Uma educação com referenciais teóricos e metodológicos que articulem aos saberes dos povos do campo, seus modos de vida, sua cultura, sua identidade, que respeitem a diversidade.

MORAES (2013) ressalta que a educação tradicional indígena e a escola ainda não se encontraram. Quando houver esse encontro da escola com o conhecimento tradicional, ela vai fortalecer e conscientizar os alunos.

COSTA e CABRAL (2016) mencionam ainda que é necessário e urgente que o conhecimento científico dialogue com o saber popular. Sem esse diálogo nas propostas educativas fica impossibilitado os sujeitos pensar a sua cultura, os seus saberes, os seus modos de vida. Os autores destacam ainda que na ausência do poder político é preciso lutar pelos direitos, buscando iniciativas próprias.

## 5. CONCLUSÃO

Por meio desta pesquisa, a conclusão final é que a identidade cultural do jovem indígena esta fortemente ameaçada. Nas entrevistas chegamos a conclusão de que o jovem indígena vem perdendo a sua identidade devido ao contato com a modernidade, e principalmente com a tecnologia. A língua materna, que é o principal aspecto que identifica o indígena como pertencente daquela etnia, vem se perdendo, o indígena esta falando mais o português em vez de sua língua materna. A criança indígena aos 4 anos é obrigada por lei a estar frequentando uma escola, é importante que essas aulas sejam ministradas por professores indígenas falantes da língua materna, onde as crianças não falantes teriam a oportunidade de aprender a língua kaingang e os que já são falantes não se distanciariam da língua.

Os anciões da comunidade trazem conhecimentos importantíssimos, sobre a natureza, os costumes, a cultura, a educação, e estão se perdendo. O jovem indígena não tem interesse em aprender tais conhecimentos, se interessa mais pela mídia, pelas redes sociais, pela internet.

A proposta da educação do campo vem com uma proposta de metodologia diferenciada, que pode ajudar na construção da identidade do jovem indígena. Por meio desta proposta a educação indígena seria construída pensando no povo indígena, construída com um currículo voltado para a realidade do mesmo, tendo-os como protagonistas construído por eles próprios, atendendo suas necessidades, com calendário diferenciado, com metodologias diferenciadas, unindo o saber que os anciões trazem, a cultura, o costumes, com o saber científico. Unindo a educação tradicional indígena que vem de fora da escola, a educação que o jovem indígena aprende com os mais velhos, com a comunidade, com a natureza, unindo-a com o conhecimento científico, o conhecimento que se aprende na escola.

O uso da tecnologia também é importante para o povo indígena, para poder acompanhar a evolução do mundo, porém é preciso saber unir o uso da tecnologia com os saberes da comunidade. A educação do campo ressalta que o campo, a aldeia indígena também é um lugar de vida, de possibilidades, de experiências diversas, que o jovem indígena pode sair, estudar e voltar, unindo o conhecimento que adquiriu fora, com o conhecimento da aldeia, que ele pode sair e voltar mantendo sua identidade.

## 6. REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Formação de Educadores do Campo. In: CALDART, Roseli Salete, PEREIRA, Isabel Brasil, ALENTEJANO, Paulo, FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. (Orgs). São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 361- 367.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salete, PEREIRA, Isabel Brasil, ALENTEJANO, Paulo, FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. (Orgs). São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 259- 267.

COSTA, M. L.; CABRAL, C. L. O. **Da Educação Rural à Educação do Campo: uma luta de superação epistemológica/paradigmática**. Rev. Bras. Educ. Camp. Tocantinópolis, v. 1, n. 2, p. 177-203, 2016.

LUCHETTA, Fernando Loureiro. PIOVEZANA, Leonel. Educação indígena kaingang numa perspectiva freireana: um educador em formação. In: **Educação Indígena Sob o Ponto de Vista de seus Protagonistas**. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

MARTINS, Angela Maria Dorneles. Narrativas: uma inspiração metodológica para as escolas guarani. In: BENVENUTI, Juçara. BERGAMASCHI, M.A. MARQUES, T.B.I. **Educação Indígena Sob o Ponto de Vista de seus Protagonistas**. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

MEDEIROS, Savana Feula da Rocha. ROSA, Rogério Reus Gonçalves. Da casa de reza às aprendizagens na escola indígena Mbyá-Guarani In: BENVENUTI, Juçara. BERGAMASCHI, M.A. MARQUES, T.B.I. **Educação Indígena Sob o Ponto de Vista de seus Protagonistas**. Porto Alegre: Evangraf, 2013

MOLINA, Mônica, Castagna. SÁ, Laís Mourão. Licenciatura em Educação do Campo In: CALDART, Roseli Salete, PEREIRA, Isabel Brasil, ALENTEJANO, Paulo, FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. (Orgs). São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 468- 474.

MORAES, Olga Justo. A espiritualidade na pedagogia guarani: o caminho para o encontro da escola sem males In: BENVENUTI, Juçara. BERGAMASCHI, M.A. MARQUES, T.B.I. **Educação Indígena Sob o Ponto de Vista de seus Protagonistas**. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

RIBEIRO, Laisa Ere Sales. BALLIVIAN, José Manoel Palazuelos. Reflexões sobre o ensino da disciplina de ciências no currículo de escolas kaingang In: BENVENUTI, Juçara. BERGAMASCHI, M.A. MARQUES, T.B.I. **Educação Indígena Sob o Ponto de Vista de seus Protagonistas**. Porto Alegre: Evangraf, 2013

SILVA, Zaqueu Casemiro. PIOVEZANA, Leonel. A Cultura no Cotidiano Indígena: Identidade e Pertencimento. In: BENVENUTI, Juçara. BERGAMASCHI, M.A. MARQUES, T.B.I. **Educação Indígena Sob o Ponto de Vista de seus Protagonistas**. Porto Alegre: Evangraf, 2013.